

# PRESENÇA



Fundação Cuidar o Futuro

15

Fundação Cuidar o Futuro

OUTUBRO 1956



# presença

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA J.U.C.F.  
FILIADA NA PAX ROMANA

## SUMÁRIO

Poesia  
Ritmo  
Adsum  
Nós e o Mundo  
Mensagem às Novas  
Raízes do Drama  
Recortes de Férias  
Perfeição ou Mediocridade  
Da Arte da Boa Leitura  
Ficheiro Bibliográfico  
Viagem a Itália  
No limiar da Vida  
Pax Romana informa...  
Guerra e Paz  
A Palavra da Igreja

## MISSÃO

*Sou poeta,  
Sou de poeta,  
E são versos que sei.  
Versos, pois, vos direi,  
Ouvintes verdadeiros!  
O mar também só diz  
O que sabe:  
Que não cabe  
Nós abissais sepulcros onde mora,  
E por isso transborda o sofrimento  
Em ondas de ilusão — versos em movimento,  
Que o infinito lê e a solidão decora.*

MIGUEL TORGA, in «Diário» — Vol. VII

# RITMO



Ouvimo-lo tanta vez, que também já o repetimos com frequência igual sem cuidar no que dizemos: «O mais difícil é começar.»

Aceitámos o conceito como sùmula da sabedoria ancestral, e ficámos satisfeitos porque, um dia, com esforço penoso ou naturalmente, aprendêrmo-nos a começar. Tanto bastava. A experiência dos homens e das coisas, porém, havia de nos ensinar que, contra todas as previsões, adágios populares e frases feitas, o princípio é afinal a mais fácil das coisas.

A manhã é sempre feliz e tímida de promessas, talvez por causa do contraste forte com as sombras das quais emerge; por isso um começo, que é a manhã das tarefas, nos aparece, regra geral, extraordinariamente simples. O entusiasmo com que pomos a mão na charrua, e «sem olhar para trás», como se nos exige, supera todas as dificuldades: pedregulhos e espinheiros bravos são revolidos sem

quase se atentar no retesar dos músculos e no calo das mãos que, para endurecer, sangra.

Mas é ao meio-dia que as perspectivas se tornam mais nítidas: a luz mais crua mostra a realidade sem contornos, o sol mais forte queima nas costas, e os músculos, torcidos pedem o descanso da sesta...

Ao meio das tarefas, cai a hora dos grandes cansaços.

E então, «o mais difícil é continuar.»

Será desmoralizador pensarmos nisto, exactamente agora, que um ano principia e que as forças matinais renovadas ainda se não fazem suspeitar de traição?

Não o julgemos. É bom, até, recordarmos que o vigor moço, intacto, da primeira hora, só se manterá, quando se estiver preparado para lhe aguentar o ritmo.

Importa, e muito, o bom começo; importa mais a continuidade do esforço começado.

# ADSUM



É uma curva no caminho da J.U.C.F. esta que se dobra no ano que entrou: Com a mesma humildade e o mesmo tranquilo abandono à Vontade Divina com que saiu do quase anonimato de uma pequena secção para tomar sobre si a responsabilidade maior entre as universitárias católicas, a Lourdes deixou agora o cargo de Presidente Geral.

Durante quatro anos a sua dedicação foi constante, porque a sua entrega foi total; sentimo-lo todas, desde a última caloiira às que mais de perto vivemos com ela as preocupações múltiplas do apostolado, e esse tem sido, sem dúvida alguma, o verdadeiro segredo do progresso da J.U.C.F., a quem a Lourdes nunca negou um pensamento, uma parcela sequer do seu tempo superlotado, sacrificando-lhe até o mais legítimo, o mais justo e necessário descanso: há cinco anos que as suas férias são inteiramente consagradas às actividades jucistas, quer representando a J.U.C.F. em encontros internacionais, assembleias inter-federais da PAX ROMANA, etc., e preparando sempre, entretanto, novos programas para cada ano de mais um mandato que iniciava.

Soube assim criar em seu redor aquele clima de exigência de que só os autênticos chefes têm o dom, porque são eles

os primeiros a dar o exemplo da ascese que querem suscitar nos outros, e contudo profundamente humana, vibrátil a toda a manifestação de Beleza, transbordando caridade.

Quando percorremos com o olhar e o coração os inúmeros esquemas, artigos e relatos que sobre os problemas femininos a Lourdes tem escrito, encontramos-a inteira no perfil da verdadeira Mulher intelectual que em todos eles nos apresenta: aliança de Pureza e Sabedoria no mais lato sentido, profundidade na busca da Verdade, generosidade sem limites na acção.

Sabemos que não foi trocar as duras tarefas de uma Direcção Geral por uma qualquer actividade cómoda e sem sobressaltos, porquanto aceitou ocupar na PAX ROMANA a presidência do M.I.E.C.

Continuaremos, porém, a sentir entre nós a sua presença forte e a lição do seu exemplo.

Por tudo quanto a J.U.C.F. lhe fica devendo, desde o êxito do Congresso ao pormenor íntimo apenas conhecido de cada uma e de Deus nos caminhos da vida sobrenatural, queremos dizer-lhe:

— Obrigada, Lourdes. E também porque mais uma vez nos ensinas como se diz — «Adsum» Estou presente.



# NÓS E O MUNDO

A nossa época oferece-nos um espectáculo dum paradoxo vivo, sem precedentes na história. Surpreendem-nos:

- O contraste escandaloso entre a opulência desmedida de alguns ricos, sem fé nem consciência, que dispendem somas valiosas em coisas inúteis — e a enorme multidão de indigentes, cerca de 2.500.000.000, de seres humanos, que, sobretudo na África e na Ásia, sofrem habitualmente de fome e sub-alimentação.

- O progresso constante dos vários ramos da ciência, nomeadamente da medicina, que torna possível curas antes desconhecidas — e a situação de milhões de criaturas que estão doentes e não tem recursos para se curar!

- A expansão cada vez maior do trabalho fabril, em que se ocupa, nalgumas regiões, a maioria da população trabalhadora (entre nós há localidades em que ela chega a cerca de  $\frac{1}{3}$ ) — e as condições aqui e além alarmantes de alojamento, salário, ambiente moral, etc., em que o trabalho se realiza.

- A necessidade absoluta de estabilidade familiar para a existência da paz social — e o espectáculo atordoante de milhares de famílias que,

ou em quartos alugados, em barracas de latas e trapos, em grutas, vivem na mais crua promiscuidade... ou, então, obtidas as devidas condições, marcam o lar constituído com o ferrete da desagregação, em que a falsa noção de liberdade o excessivo individualismo geram conflitos de toda a ordem!

- As maravilhosas possibilidades e vantagens que nos oferecem, no campo da cultura, a Imprensa, o Cinema e a Rádio — e a acção devastadora de numerosas publicações, filmes e programas que destroem impiedosamente os mais sãos princípios espirituais! Em acréscimo, a incapacidade intelectual de tantos indivíduos que ainda permanecem agulhoados a um degradante analfabetismo.

- A poderosa influência missionária, nos mais remotos pontos do globo — e a insuficiência de almas de boa-vontade, que dêem generosamente o seu contributo (e é-o, especialmente, requerido na medicina, na assistência social, no magistério), para que o Reino venha.

- O apelo angustiante de verdadeira Paz, que é a de Cristo, para o mundo e para as almas — e o clima de crescente tensão internacional da nossa época, em que os focos de discórdia

alastram e os encontros, conferências, tratados, etc. se mostram impotentes para lhes pôr termo.

— Tudo isto porquê?

— PORQUÊ?

— ?...

— Porque faltam, em nossos dias — no meio familiar, no mundo de trabalho, na vida social, cultural, política — em todos os campos de acção, — *testemunhos vivos do Único que é a*

*Justiça, o Amor, a Sabedoria e a Paz: Cristo!*

— Eis, porque uma das preocupações maiores da Igreja, nos nossos dias, está sendo o *Apostolado dos Leigos*, para o qual chama a atenção de todos os católicos.

— Porque há um exemplo a dar, uma *missão* a cumprir — a Igreja conta connosco! Ser-lhe-emos fiéis?

Só nos resta seguir um, de dois caminhos:

*marcar presença... ou desertar!*

## PIROTECNIA

*Faço bombas de papel e tija.*

*Sou fogueteiro destes artificios.*

*Versos...*

*Girândolas de sonhos e cilícios*

*Alinhadas no chão*

*Das laudas de brancura onde me ilude.*

*Quando a noite é de mais,*

*E o sol de nenhum mundo dá sinais,*

*Ardem dentro de mim, com lágrimas e tudo.*

MIGUEL TORGA, in «Diário» — Vol. VII



# Mensagem às Novas

Não é um longo discurso que vais encontrar aqui, jovem universitária. É um programa de vida. Encontrámo-lo, por acaso, no ano passado. Pertencia a uma caloiira que o escreveu na véspera da entrada para a Universidade. E podemos dizer-te que, tanto quanto exteriormente podemos julgar, esse programa não é um amontoado de palavras vãs. Corresponde a um ideal que uma rapariga, como tu, conseguiu manter firme, ao longo do seu 1.º ano de Universidade. Não lhe faltaram dificuldades, tentações de preguiça, de desânimo, de caminho fácil. Não a pouparam as mais velhas, rindo-se do seu entusiasmo novo e da

sua intransigência perante o estudo feito à toa e a utilização de qualquer forma de cábulas.

Todos (quase todos) lhe dizem que é fantasia a vida que ela quer construir. Mas ela **quer** mesmo. Com a vontade firme dos que têm um caminho a percorrer. Com a serenidade dos que confiam no esforço e na luta. E, por isso, no fim do seu 1.º ano de Universidade, ela diz que foi um ano maravilhoso e nós, que a conhecemos, sabemos que foi um ano que valeu a pena.

Aqui te deixamos o programa. E que é um programa grande, onde há ideal e sonho e loucura.

Fundação Cuidar o Futuro

## O MEU PROGRAMA

Ocupando o meu lugar no plano da Criação e da Redenção, integrada na Igreja Católica, viverei um programa de vida cristã — *Piedade, Estudo e Acção* — buscando com Alegria a verdadeira ascese cristã, adentro da Vocação a que sou chamada.

### Aspecto pessoal

Estamos inseridos no natural e dele precisamos para nos realizarmos. Portanto, procurarei desenvolver todos os traços que permitem o pleno desabrochar da minha personalidade, em Ideal de Bem, Verdade e Beleza.

*Formação moral sólida* — Séria auto-formação, grande abertura de alma a tudo o que me pode dar formação moral, indispensável no exercício da Maternidade espiritual, especialmente junto de crianças e adolescentes, como Educadora.

*Formação intelectual autêntica* — científica, literária (Línguas, Literatura) e artística (Música, Obras de Arte) com particular interesse e atenção pelo estudo dos problemas relacionados com a profissão, integrando-os numa atitude cultural ampla e profunda.

*Educação física equilibrada* — vida sã e pura, quando possível em contacto com a Natureza; mesmo com a prática



de ginástica ou de algum desporto salutar, mas conservando sempre um todo de frescura e juventude e nunca perdendo o sentido feminino de mistério.

Apresentação cuidada e elegante, mas sempre com singeleza e simplicidade.

### Aspecto social

Procurarei que as minhas relações sociais traduzam uma atitude de verdadeira boa educação, o amor que tenho aos outros.

Procurarei integrar-me em cada uma das comunidades naturais em que vivo, tomar consciência dos seus problemas e ajudar a resolvê-los como Mulher, em complementaridade com o Homem (realizando, discretamente, a missão fundamental da Mulher — a Maternidade Espiritual — numa disponibilidade total para acolher e amar cada classe).

Assim procurarei:

Na família — valorizar-me como rapariga, através da realização dos trabalhos do lar; estar atenta aos problemas familiares e ajudar a resolvê-los, na medida do possível, manter-me disponível para cada um dos membros da família, sabendo com delicadeza, generosidade e alegria, ouvir, compreender e ajudar para que possa haver um clima de paz, alegria e felicidade no lar.

Na sociedade — servir a comunidade em geral, através da profissão, mas sem me fechar nela, mecanizando-me ou despersonalizando-me, antes como uma pessoa atenta aos problemas sociais e dando,

sempre que seja possível, uma colaboração autêntica, humana e feminina na resolução desses problemas <sup>(1)</sup>.

Na Pátria — servindo a família e a sociedade, sirvo, evidentemente a Pátria; contudo, como Portuguesa, quero ainda estar atenta aos problemas nacionais e, se possível, colaborar na sua resolução como Rapariga Universitária Católica.

No Mundo — Atenta aos problemas mundiais, quero colaborar na sua resolução, mesmo agora, aqui, vivendo plenamente o momento presente ao serviço da família, da sociedade, da Pátria e, caso a isso seja chamada, dando ainda a minha colaboração ao trabalho no plano internacional.

Trabalharei, assim, no progresso que que permite aproximarmo-nos das condições verdadeiramente humanas, em que o Homem possa facilmente viver em Deus.

E tudo isto de modo que eu me realize plenamente na minha Vocação, preenchendo o meu lugar, único e insubstituível, na Harmonia do Universo que canta a glória do Senhor.

2-11-55

*(Véspera do início da vida universitária)*

<sup>(1)</sup> Em particular, no meio em que vivo habitual ou acidentalmente, darei testemunho de uma vida exemplar, em todos os sentidos da palavra; mas sem me fechar em mim, antes aberta e disponível, irradiando simpatia e amizade, de tal modo que possa contribuir para uma elevação de todos aqueles com quem convivo.



# Raízes do Drama

Foi no clima altamente espiritual da Europa na Idade Média, à sombra da Igreja, que nasceram as primeiras formas de um importante género literário — o drama.

Se considerarmos que todas as nações da cristandade eram, ao tempo, enriquecidas por um património cultural comum, facilmente se compreende que o drama, religioso na sua origem, visto ter por fonte a própria Igreja, tenha então sofrido uma evolução semelhante, em todos os países que o cultivaram.

As raízes do drama mergulham na liturgia da Igreja: o ofício, os cânticos que alternavam entre os sacerdotes e os fiéis ou o coro que os representava, certas passagens bíblicas (a Paixão, por exemplo), a decoração plástica dos templos, as procissões, etc. — prestavam-se, pela sua própria natureza, a um desenvolvimento dramático. Foi assim que, sob a forma de «tropos» ou declamações em diálogo, o drama fez a sua aparição, tendo por objectivo, acentuar e divulgar, entre os fiéis, certos passos importantes da liturgia. O nascimento de Jesus, a Paixão e a Ressurreição contam-se entre os primeiros temas tratados por este processo; o êxito levou, depois, a escolher outros. As mais antigas declamações datam dos séc. X e XI, em Inglaterra. Aí, nas representações monacais sobretudo, vê Herculano as origens do teatro. Em França, nos princípios do séc. XII, representava-se a «Morte de Santa Catarina», a peça mais antiga da arte dramática francesa. Em Portugal, a avaliar pelos

vestílios encontrados na arte popular e nas obras dos primeiros escritores do género, deve também ter começado muito cedo.

Primeiramente, a representação era feita dentro da Igreja; depois, no pórtico; mais tarde, no adro, na praça pública ou pelas ruas da aldeia ou cidade, onde havia o hábito destas representações (Inglaterra, principalmente) preparavam-se carros, tantos quanto os actos, e, enquanto um se observava no local, estava o imediato noutro, representando-se assim todos os actos ao mesmo tempo, mas em lugares diversos.

Tais representações, decalcadas sobre a História Sagrada, estavam relacionadas com os ciclos litúrgicos. A princípio, o Natal e a Páscoa, eram os dois momentos mais oportunos; a partir de 1264, data da instituição da festa de *Corpus Christi*, as representações alusivas à Natividade e à Paixão passaram a ser reservadas para o dia de Corpo de Deus ou, nalguns sítios, para o domingo de Pentecostes. Algumas cidades notabilizaram-se pela qualidade das cenas representadas: embora o assunto fosse sempre o mesmo, os pormenores, a linguagem, etc. diferiam, consoante o local.

A princípio, a língua adoptada nos diálogos era sempre o latim; mas, quando as cenas passaram do interior da Igreja para o exterior, a língua vernácula substituiu o latim, tornando essas representações mais acessíveis ao povo. Um exemplo típico é um pequeno drama — «Adão» — escrito em francês por um

normando ou anglo-normando do séc. XII e que parece ter sido representado, não em França, mas em Inglaterra. Esta peça, que compreende três partes (Queda de Adão e Eva, Morte de Abel e Profetas que anunciaram o Redentor) interessa, sobretudo, pelo lugar que ocupa na base de duas grandes literaturas dramáticas, como são a francesa e a inglesa.

A maneira de parêntesis, convém lembrar que há, pelo menos, dois pontos em que o drama inglês diferiu do francês, mesmo já nesta fase incipiente: em França, designavam-se «milagres» peças especialmente relacionadas com a Virgem e os Santos, enquanto os «mistérios» se baseavam na Sagrada Escritura. Em Inglaterra, o termo «milagres», inclui apenas cenas bíblicas. E, enquanto os mistérios franceses, numa colecção compilada pelos irmãos Greban, são no conjunto, mediocres e monótonas, há na maioria das obras inglesas do mesmo género, um tom de dignidade que ressalva o primitivismo do estilo. Além disso, o crescimento do teatro religioso foi menos perturbado em Inglaterra do que em França, de modo a poder continuar em pleno florescimento, mesmo quando o Renascimento atingia o auge.

De início, essas pequenas peças eram representadas exclusivamente por membros do clero; mais tarde, à medida que esses rudimentos de drama se iam emancipando da Igreja, os leigos foram, pouco a pouco, substituindo o clero, até se tornarem os únicos «actores». Assim se explica que o texto, a princípio muito piedoso e moral, viesse frequentemente a sofrer intromissões e abusos de toda a ordem. Contra palavras licenciosas e atitudes imodestas, a autoridade eclesiástica teve de intervir. Em França, Inglaterra, Alemanha, assim sucedeu. O mesmo em Portugal; provam-no algumas páginas das Constituições dos Bispos de Braga, do Porto e de Évora, onde se proíbe, não só que tais representações

tomem lugar nas igrejas ou adros, mas também que «pessoas eclesiásticas» nelas participem.

Da análise literária destas peças, na forma em que chegaram até nós, podemos deduzir o grande esforço artístico que, na generalidade, presidiu à sua elaboração: a dificuldade de encontrar uma forma (métrica, sobretudo) apropriada ao drama foi o grande obstáculo ao progresso dramático, até quase ao séc. XVI.

Em todos os países, o drama religioso teve grande valor, em especial devido à grandeza simples da sua concepção. O escritor apagava-se perante o assunto a tratar: não tinha liberdade de invenção, de composição. E só dentro de estritos limites procurava motivos de acção. Naturalmente, uma vez que o argumento era conhecido da maioria, o interesse residia principalmente no espectáculo. Só aqui ou além, acidentalmente, o autor intervinha a analisar paixões ou sentimentos, como acontece numa peça quatrocentista: «Abraão e Isaac». Havia, contudo, certa originalidade na introdução de cenas e personagens cómicos. Para isso, o autor recorria a figuras bíblicas secundárias ou inventava, por vezes, figuras cómicas, para suavizar as cenas mais pesadas. Assim nos aparecem, por exemplo, os soldados na matança dos Inocentes; os fariseus que conduzem a Cristo a mulher adúltera; a criada de Pôncio Pilatos, etc. Em muitos casos, esse tom cómico não prejudicava o sentido religioso; nalguns, porém, era de tal crueza, que suscitou as proibições a que atrás aludimos.

Considerando ainda as raízes do drama, não podemos deixar de nos referirmos a uma outra espécie literária — a «moralidade» — que floresceu no séc. XV. Enquanto os milagres ou mistérios estão ligados ao período épico da Idade Média, as moralidades são o produto dum período alegórico. Nelas, se substituem as figuras da História Sagrada por abs-



Fundação Cuidar o Futuro

trações — vícios e virtudes. Na sua origem, estão impregnadas do ensino da Igreja, como os milagres; mas têm um carácter mais intelectual. Enquanto o milagre é essencialmente espectáculo, apelando primariamente para a vista, a moralidade exige maior atenção à palavra falada. Numa, é mais importante o cenário; noutra, o texto.

Embora mais fria e artificialmente construídas, as moralidades formaram uma ponte de passagem necessária e marcam um avanço considerável, no caminho para o drama moderno.

O autor duma moralidade podia escolher o seu assunto livremente e construir a sua obra com unidade. Para isso, era levado a analisar as qualidades e defeitos humanos, a acentuar características psicológicas. Assim, a Avariza, por exemplo, não podia ser apresentada sem se estudar o carácter dum avaro. Deste modo a moralidade, mesmo sendo religiosa, quanto à origem e finalidade, preparou o drama para a sua emancipação da re-

ligião. O tema versado era, sempre, a luta das forças do Bem e do Mal, tentando conquistar a alma humana — tal como é, hoje, ainda, o tema básico de toda a obra dramática.

As condições materiais do teatro foram transformadas: em lugar de vários estrados móveis, por exemplo, a moralidade exigia um só palco, fixo. Enquanto os milagres nos haviam de conduzir às cenas numerosas e variadas do drama histórico, as moralidades preparavam o caminho para as tragédias e comédias restritas a um único argumento.

Depois do séc. XV, os milagres foram, ainda, representados; mas a sua forma cristalizara, para não mais ser alterada. As moralidades, por seu lado, tiveram diferente destino: foram o ponto de partida para muitos dramas da Renascença. Deles e dos respectivos autores, nos ocuparemos a seguir.

**Maria Joana Mota Emiliano**

Fundação Cuidar o Futuro

# Perfeição ou Mediocridade

Não há meio termo. A virtude não está no meio, porque, por definição, é total e crescente. Ou queremos ser medíocres ou queremos ser perfeitos.

Não se trata tão pouco de um problema exterior a nós. Deixar correr e esquecer. Ao fazê-lo, já houve escolha. Porque não lutar, não procurar o mais, o melhor, é aceitar e escolher a mediocridade.

A mediocridade pode não aparecer como uma escolha deliberada e imediata do mal. Mas é uma renúncia à procura do bem. E, nesse sentido, é já, mesmo que só a longo prazo, uma escolha do mal.

A mediocridade não toma, habitualmente, na nossa vida, o aspecto repelente das grandes faltas. Talvez, por isso, ela encontra sempre uma atitude complacente e um caminho fácil. Ela insinua-se através da tendência ao menor esforço, através da transigência benévola com o mundo, através da suficiência balofa do orgulho. Em outros termos: ela escolhe a geodésica do pecado original.

Por isso vive tão profundamente arraigada em cada alma; por isso, ela é a primeira e a mais forte de todas as tentações. Todos os pecados, antes de serem pecados da carne ou do espírito, foram pecados dum consentimento aparentemente inofensivo na mediocridade.

O homem que se quer realizar, não pode ficar amarrado a essa lei fatal do caminho mais curto. A sua vida, para que corresponda à medida toda, tem de

ser a luta constantemente renovada. Porque, para ser autenticamente homem, tem de estar livre do que é fácil e humanamente pobre.

Mesmo, quando enrodilhado na moleza da mediocridade, o homem sabe que só conta o que é difícil. Rilke, nas «Cartas a um poeta», di-lo assim: «Os homens têm, para todas as coisas, soluções fáceis e convencionais, as mais fáceis das soluções fáceis. Contudo, é evidente que se deve preferir sempre o difícil: tudo o que vive, lá cabe. Cada ser se desenvolve e se defende a seu modo e tira de si próprio, a todo o custo, e contra todos os obstáculos, essa forma única que é a sua. Sabemos muito poucas coisas; mas a certeza de que devemos preferir sempre o difícil não nos deve nunca abandonar. (...). Se uma coisa é difícil, razão mais forte para a desejar.»

É certo que realizar o que é difícil, desprezar as «soluções fáceis e convencionais» espanta e escandaliza a roda dos amigos. Não faltam os que mostram, cheias de lógica e até de beleza, as soluções fáceis. Há-os apáticos, em geral, perante as grandes dores. Anima-os a esses, um zelo apostólico de sinal contrário. Não faltam tão pouco os que, abertamente, põem a ridículo o que é difícil e grande por ser difícil. Incapazes, por sucessivas transigências, de saltarem a par, só lhes resta a defesa da troça. Nessa atitude, confessam, sem o quererem, que quebraram todas as asas e que para eles

se fecharam os espaços infinitos.

Mas, mais perigosos porque mais profundamente demolidores, são aqueles que, fazendo-se juízes do bem, da virtude, da beleza, lançam padrões de craveira, abaixo da média, assinalando-os com a fulgurante evidência da sua imensa sabedoria e da sua não menos imensa pureza de alma... Esses aparecem em todos os sectores e em todas as épocas da vida. Alimenta-os o vício da improvisação que lhes deu pinceladas dum conhecimento que mal entendem. Sustenta-os a benevolência das instituições que preferem os que se acomodam e os que não perturbam a paz podre das vidas rotineiras. Devem ser estes, «os cegos que conduzem outros cegos».

Contra todos, é preciso reagir. E lutar. E esclarecer. Sem tréguas. Sem transigências. Sem sofismas.

E isto, não só porque o que é difícil é o que merece o esforço do homem. («Quem quer passar o Bojador, tem de passar além da dor.»). Não só por isso. Mas porque ao homem, tentado pela mediocridade, foi dado um mandamento novo:

*«Sede perfeitos como o vossò Pai Celeste é perfeito».*

Depois da Revelação, tem de ser assim: o homem tem de ser perfeito, tem de querer sê-lo. Com falhas, com tentações, com descontinuidades. Mas querer sempre.

Agora, a medida do homem é essa: a perfeição de Deus. O difícil atinge, ao presente, as dimensões do impossível. Mas, paradoxalmente, é agora que o difícil, tornado impossível, se torna mandamento.

E esta é a lei geral, tão geral como a lei instintiva que convida à mediocridade. Cada homem realiza-se, na medida em que quer ser perfeito.

Ora a perfeição não é mera tendência platónica, nem lirismo de beatos. É exigência de bem, de virtude, de totalidade,

em cada pensamento, em cada palavra, em cada atitude.

Não se circunscreve a perfeição a uma remotíssima vida interior que, de tão interior, não chega sequer a ter reflexos na vida toda do homem. A perfeição abrange todas as zonas da vida em que cada um se movimenta e se define.

E, porque é o grande mandamento da união com Deus, a perfeição deve constituir a grande aspiração de todos nós. Por ela, terá cada um de lutar, de escandalizar. Os cristãos estão no mundo para darem escândalo ao mundo. E, quando não o dão, é porque se identificaram demais com ele.

Não pode, por isso, o cristão desinteressar-se, sob pretexto algum, da perfeição. Quando o fizer, estará a trair a sua condição de cristão. Não é, assim, possível dizer que há cristãos que aspiram à perfeição e que há outros, mais «modestos», que se limitam a seguir os mandamentos. Estes não são, totalmente, cristãos — melhor são cristãos que por terem escolhido a mediocridade, em certa maneira renegaram Cristo.

A perfeição se se resolve numa forma específica para cada alma, baseia-se em valores objectivos e universais.

O primeiro é a caridade. Onde ela faltou, a perfeição, se acaso fosse possível, seria epicurismo. Só o amor dá a justa medida dos valores, das lutas e das aspirações que não têm medida. Só o amor ajuda a pôr beleza no mais escondido pormenor. Só o amor aceita, sem vacilar e sem se irritar, os conselhos fáceis dos tíbios, a troça dos derrotados. Só o amor tem a coragem de ser profundamente original e diferente, tão original e tão diferente que os outros o tomaram por louco.

Mas a perfeição vivida pelo cristão não é independente do vínculo que o prende à Igreja. A obediência será, assim, a marca institucional desse desejo de per-

feição. E de tal modo esta ideia corresponde à tradição milenária da Igreja que, durante muitos séculos, as ordens religiosas, para as quais se definia vigorosamente o «estado de perfeição», assentavam, fundamentalmente, no voto de obediência. Esse é o caminho seguro da perfeição de cada alma.

Nem sempre a obediência é fácil. Há leis, conselhos, normas que, às vezes, mal entendemos.

Então, talvez, a perfeição para nós esteja neste conselho do S. Padre:

«Quando não apreenderdes o motivo de determinada restrição, de determinada medida de autoridade, obedecei com sub-

missão e a graça que esta humildade vos merecerá, vos esclarecerá em seguida».

E será pelo amor e pela obediência (um e outro caminho de perfeição) que seremos capazes de fazer luta inteira à mediocridade e de construirmos o Homem Novo que Cristo, morrendo na Cruz, quis fazer nascer em nós.

Gostaria que pensasses nisto, universitária católica, ao procurares realizares, na tua vida, as orientações da Igreja sobre a modéstia cristã.

Maria de Lourdes Pintasilgo

*«Que os fiéis assistam às sagradas cerimónias, não como espectadores mudos e estranhos, mas intimamente envolvidos de Beleza da Liturgia»*

(Pio XI)

— Procura adquirir o

**« G U I A L I T Ú R G I C O »**

*recente publicação da J.U.C.F.,  
indispensável a toda a universitária católica!*

Todos os pedidos feitos à Direcção Geral da J.U.C.F. — Av. Duque de Loulé, 90 r/c Dt.º — Lisboa — ou às dirigentes da Secção, serão rapidamente atendidos.



# Da Arte da boa leitura

Os dados estatísticos, o fraco movimento editorial português, as queixas dos livreiros e a nossa própria experiência individual, levam-nos a concluir que, em Portugal, se lê muito pouco; e, por mais paradoxal que se nos afigure a afirmação, o universitário, melhor dito a universitária, sobre cuja mesa de trabalho se encastelam os volumes e sobre quem pesa a acusação frequente de possuir uma cultura livresca, não tem amor à leitura.

Porque frequentar bibliotecas, servindo-se do livro como utensílio de trabalho, não significa, necessariamente, que se goste de ler, ou até, mesmo, que se *saiba* ler.

Fora de uma exclusiva obrigação escolar ou profissional, para que se lê então, hoje em dia?

Para encher o tempo (se o escasso tempo ainda nos sobeja...), folheiam-se revistas; e, quanto mais profusamente ilustradas elas forem, tanto melhor; ou engole-se um «pocket book» policial — «para descansar a cabeça», diz-se. Pouco mais longe se vai.

Em geral, a fome da leitura ficou saciada na adolescência, durante os últimos anos do liceu, e foi-se atenuando, pouco a pouco, até se atingir, por vezes, um estado de fastio, quase alérgico em muitos adultos. São, porém, múltiplas as finalidades da leitura. E, por curiosidade, vejamos o que a tal respeito pensava o bom D. Duarte, rei filósofo do século quinze.

Diz-nos ele, na sua saborosa lingua-

gem medieval, serem seis as razões que o homem tem para ler:

«Primeira, por acrescentar em virtudes, minguar em falecimentos, prazendo por elo a Nosso Senhor e alcançar na vida presente e na que esperamos, o que dá graciosamente aos que por sa mercê lhes praz bem viverem. Segunda, por contentamento que filham do que sabem. Terceira, por tal ciência. Quarta, por querer parecer sabedores. Quinta, querendo alguma parte do tempo bem dispende. Sexta, por semelhante, em lendo, antre si e a outros filhar prazer.»

Se exceptuarmos a quarta alínea, que prova apenas o desejo de uma cultura superficial, todos os restantes motivos nos parecem justificáveis, quer se trate de procurar na leitura ocasião de aperfeiçoamento espiritual (1.º), quer por amor do saber, considerado em si mesmo (2.º e 3.º), quer se encare a leitura como um prazer (5.º e 6.º). É, especialmente, a esta última característica da leitura que nos queríamos referir, quando falávamos do gosto pelos livros.

Por vezes, muitos dos que sabem estudar, isto é, bem assimilar uma ideia, tomar notas, sintetizar a linha-mestra de um parágrafo ou de um capítulo, esquecem toda e qualquer metodologia, quando se trate de fazer uma leitura sem objectivos didácticos. No romance, vão atrás do enredo, «gostando» ou «não gostando», consoante o tema lhes lisonjeia ou fere a sensibilidade; em poesia, afirmam-se modernos ou clássicos por snobismo literário ou por sentimentalismo.



Quantos serão capazes de ler como quem mantém uma longa conversa com o autor, discutindo com ele cada opinião que se lhe afigure menos justa; observando tipos e situações para os comparar com a vida quotidiana; fazendo mentalmente exame de consciência, se a obra visar a crítica social?

Quem tem a coragem de concretizar o seu pensamento com sublinhados e anotações à margem, que podem enriquecer, preciosamente, um volume, quando o critério inteligente do leitor dirige a mão que segura o lápis?

E porque não recolher num caderno íntimo, citações que se querem guardar intactas na beleza da forma e na profundidade do conteúdo, especialmente se o livro, onde as encontrámos, nos não pertence e talvez nunca mais volva a cair sob os nossos olhos? Neste último caso, haveria até a maior vantagem, em fazer uma breve ficha da obra que nos ajudasse a recordá-la, quando necessário. Aliás, esta ficha é sempre vantajosa,

ainda que o livro nos pertença. É evidente que uma leitura, assim, não pode fazer-se em duas horas, em dois dias. Exige, talvez, semanas; mas, quando desperta interesse, o factor tempo só contribuirá para prolongar o prazer da leitura.

Se o romance ou a peça teatral incitam ao diálogo silencioso entre autor e leitor, a lírica para ser bem apreciada carece de sonoridade. Eis porque, em geral, só começamos a sentir e a amar os poetas, depois de os *ouvirmos* ler.

Nem sempre, é claro, teremos oportunidade de assistir a um bom recital; mas todas podemos exercitar-nos a ler poemas em voz alta, ou melhor, até, a meia-voz, para lhes descobrirmos a harmonia do ritmo, a musicalidade das palavras, ao mesmo tempo que se iluminará todo o sentido da mensagem poética.

Voltaremos, porém, a falar dos problemas da interpretação e da análise, em outra ocasião.

Maria Isabel Mendonça Soares

Fundação Cuidar o Futuro



# FICHEIRO BIBLIOGRÁFICO

«DIÁRIO» — (Vol. VII)  
(Ed. Coimbra — 1956)

TORGA, Miguel

Para além dum estilo bellissimo, sem dúvida do melhor na nossa literatura, Miguel Torga revela-nos, neste volume do Diário, parte das suas reflexões de pensador sincero e de artista, perante os múltiplos espectáculos da natureza e dos homens.

O realismo das suas observações e a objectividade da critica que faz a certas estruturas sociais, apenas uma ou outra vez perdem valor, quando entram em jogo determinados factores subjectivos que o leitor pode compreender, mas não aceitar inteiramente.

A escolha de certos temas para reflexão, bem como a inquietação que perpassa ao longo de toda a obra dão-nos um vislumbre do que se passa na alma do escritor: atento à beleza da vida e das coisas, mergulhando nas raízes fundas onde a poesia nasce e toma alma, ele não pode passar indiferente às grandes e decisivas interrogações da vida humana. Por isso, elas estão presentes mesmo quando negligentemente descreve uma paisagem ou um estado de alma.

Para além dessas interrogações pessoais, o DIÁRIO foca o destino da raça portuguesa. Se é certo que, muitas vezes, a palavra do autor é dura ao escalpelizar a realidade cultural e social do país, não é menos certo que desse realismo, um tudo nada pessimista, se desprende uma profunda, imensa, forte confiança nas possibilidades e no destino dum povo que, para ser grande, tem de aprender a não olhar demasiado para o passado e a construir, com o cérebro, as mãos e a alma toda, a grande aventura do futuro.

As poesias que enriquecem este volume estão sem dúvida no mais alto nível da poesia portuguesa contemporânea. Transcrevem-se algumas no n.º 15 da «Presença».

A leitura proveitosa deste livro requiere hábitos de reflexão sobre os grandes e simples temas da vida, para lhes poder entender toda a beleza e profundidade e requer, ao mesmo tempo, uma escala de valores, capaz de referenciar, em verdade, as ideias e a experiência humana que o livro trata.

«O NÓ DO PROBLEMA»

(Ed. Ulisseia — 1956)

GREENE, Graham

Quando o homem busca em si mesmo ou nos outros com quem vive, a sua plenitude, nada mais encontra do que fracasso, esgotamento espiritual, frustração, desespero. Só Deus é o complemento absoluto, o Único que satisfaz inteiramente as aspirações mais fundas da alma humana. Eis a ideia fundamental que o autor nos comunica neste romance.

O drama intenso de Scobie, principal personagem do livro, é o drama do homem atormentado por um ambiente que o oprime, pela total incompreensão de quantos o cercam, pelos sentimentos mais íntimos de compaixão e de fidelidade e, sobretudo, pela consciência nitida da culpa e do pecado. Aqui, como em várias outras obras, o Autor nos revela, através dum caso extremo, excepcional, a sua visão um tanto pessimista acerca dos homens e da vida. Mas, no fundo, sabe sugerir-nos, ainda que mais vaga e menos explicitamente do que seria para desejar, a fonte de verdadeira Esperança: só Deus pode julgar os homens, porque só Ele apreende as mais imperceptíveis ressonâncias das Suas criaturas, só Ele as segue e persegue até ao fim, mesmo quando elas tentam a fuga, mesmo quando essa fuga é o suicídio...

Contudo, para que os verdadeiros valores morais e artísticos do romance sejam plenamente apreendidos, importa uma leitura cuidada e atenta. Lendo-o superficialmente, caímos facilmente no erro de pôr em dúvida a segurança doutrinal e a inegável competência do escritor.

Destina-se «Ficheiro Bibliográfico» a dar a todas as universitárias críticas breves das obras literárias (originais ou traduções) recentemente publicadas. A disposição das fichas permite serem recortadas e coladas em cartolina, como convém ao ficheiro particular, que cada uma deve possuir.

## Os Campos de Férias

Gostei daqueles dias passados no Campo de Férias; tanta camaradagem, tanta alegria, tão belas ideias, tantos problemas que se puseram, a nós estudantes, e que me levaram a ver mais claramente o meu dever de católica e a minha responsabilidade de Jucista. Abriam-me novos horizontes!...

E foi ali, naqueles poucos dias, que senti, vi e vivi muita coisa:

... Que era necessário termos uma visão nítida dos problemas que se põem ao mundo de hoje. Que não há o direito de vivermos agarradas aos nossos problemas pessoais e não sabermos nem queiramos saber o que nos rodeia. Temos que acordar para esses problemas importantíssimos. Havemos de os ajudar a resolver pelo estudo, pela acção, pela oração...  
... Que a Universitária deve ter conhecimento de outros assuntos, para além dos que estão directamente ligados ao seu curso.

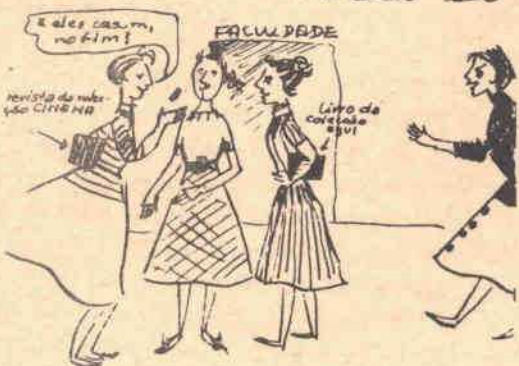
Foi lá, também, no Campo de Férias, que descobri o verdadeiro sentido do Corpo Místico. Uma grande responsabilidade, a nossa, no mundo! Saber que podemos prejudicar a Felicidade de alguém, por termos sido ou sermos menos perfeitas!

E tantas mais coisas de que nós tomamos consciência: que cada uma tem de ser um valor e uma força no meio... que a Jucista não tem o direito de ser medíocre!

Foram só 6 dias que passámos juntas. E creiam, aquelas que nunca foram a Campos de Férias, nós sentimos saudades quando chegou a hora da partida.

Para eu pertencer verdadeiramente à J.U.C.F. foi preciso ir ao Campo de Férias.

(Testemunho de uma jucista)



Gena numa faculdade do Porto



# Uma experiência nov

Na Missão de Parceiros, houve duas eras: a da casa nova e a da casa velha.

A nova habitação tem dois compartimentos particularmente sumptuosos — o salão e a casa de jantar. Na primeira, há um colchão forrado com o cobertor da Guidó (de noite volta para o leito), um guarda-fato (ou mala), uma biblioteca (ou mala mais pequena), uma jarra ao canto, uma pedra para segurar a porta e matar as centopeias e uma corda para estender a roupa. Na parede, o Crucifixo e Nossa Senhora.

Na sala de jantar, há uma mesa (ou toalha colocada no chão), uma fruteira (ou canto forrado de papéis, onde se coloca a fruta) e três cadeiras.

Também temos o claustro — pátio interior, que foi outrora estábulo.

A vida comunitária tem-nos enriquecido muito, porque cada uma contribui com os seus aspectos específicos.

As virtudes domésticas da Henriqueta obrigam-nos a comer puré de batata esmagada no chão e a temperar o leite com açúcar e farinha misturados.

O altruísmo da Guidó fá-la exclamar: Vocês anda tão sujas que apanhei uma pulga na minha cama!

A Maria Luísa, que fala de si o menos possível (virtude da modéstia), tendo deitado um balde para o fundo do poço

perguntou com um ar muito genérico: «As senhoras sabem de algum processo para tirar baldes que por acaso caiam aos poços?» Mas toda a gente percebeu a subjectividade da pergunta e consolavam-na dizendo que a Senhora Rosa não ralhava.

A Susana dedica-se ao aproveitamento de latas vazias — para o arroz, para a potassa, para o sal e para cortar os dedos. Até ela vir, era o reinado dos cartuchos (a Henriqueta esteve mesmo para usar potassa em vez de sal refinado).

A Madalena era tão espiritual que vivia sem comer e sem dormir, a tocar na pianola.

Mas, lá em Parceiros, não havia só nós. Nós até éramos o que havia menos.

Havia o Sr. Américo, chefe duma família numerosa que no Borreco pôs toda a gente a trabalhar para a procissão, que em Parceiros todos ouviam com respeito, que por amor de Nossa Senhora fazia quanto fosse preciso e que, se alguém dizia «Isso não é possível!...», exclamava: «Então fez-se o mosteiro da Batalha e não se há-de fazer isso!» E fazia-se mesmo. Rezavam diariamente o terço em família. Era uma família cristã.

A Sr.<sup>a</sup> Maria emprestou-nos a casa e, na noite da procissão, quando nós já dormíamos, pôs-nos um dístico na pa-

# a: Equipes Missionárias



rede: «Senhora de Fátima abençoi o nosso lar».

A Sr.<sup>a</sup> Maria Gaspar era a catequista. Desde que deixou de haver pároco (há 30 e tal anos), ela é o esteio da vida cristã da povoação e pediu-nos com lágrimas nos olhos que rezássemos pela gente de Parceiros e para que o Senhor lhes mande um padre — é a grande aspiração da freguesia.

A outra senhora Maria, a do Sr. Florindo, que é o pedreiro, o merceiro e o correio da terra ficava à noite com os rapazes e as raparigas a fazer flores de papel, «por causa do respeito» — era nelas que lhe pediam.

A senhora Rosa dos ovos emprestavamos a horta para lavar, e quando a Maria Luísa lhe disse: «Não se incomode, senhora Rosa», ela respondeu bruscamente: «Ora essa, então acha que eu estou muito incomodada, acha?»

E a senhora Assunção põe o antigo emblema da A. C. à semana e o novo ao Domingo.

Os pequenitos dão-nos amoras enfiadas em orégãos; fazem muitos sacrifícios e rezam para se prepararem para o Crisma; o Joaquim apanhou figos, todo o dia e não meteu nem um na boca; a Margarida pica os joelhos com pedras; o Guilherme, que quer ser padre, passa horas

sem beber água, cheio de sede; e a Maria Augusta, no outro dia: «sabe, eu estava a comer uvas e a rezar ao mesmo tempo». O «mê Afonso», esse, — tem sete anos —, só faz pecados quando está aborrecido. Passaram a rezar antes e depois das refeições, e algumas famílias com eles. A Izilda, quando o pai fala mal de N. S., «faz-lhe explicações e ele ri-se».

As crianças dos Resgais e do Borreco, andam, todos os dias, 4 km para vir à catequese e voltam à noite para o terço.

Uma destas noites, o António e o Vítor, cheios de medo por causa duma história de lobos que lhes tinham contado, foram todo o caminho a rezar.

Os rapazes e raparigas, depois dum dia inteiro a apanhar figos, ficavam até às duas da manhã a preparar tudo para receber Nossa Senhora.

E havia mais. Havia o sr. Prior que fazia 8 km de bicicleta, todos os dias, para nos vir dar a Comunhão. A nós cinco. De propósito.

E havia Nosso Senhor no Sacrário.

Vocês não sabem todas o que é uma Missão. Sabem as do Ameixial, da Fajarda, e de Sever. E nós sabemos também.

*Nós cinco.*

Parceiros da Igreja, 10 de Set. de 1956

# Uma experiência nova: Equipes Missionárias



Na Missão de Parceiros, houve duas eras: a da casa nova e a da casa velha.

A nova habitação tem dois compartimentos particularmente sumptuosos — o salão e a casa de jantar. Na primeira, há um colchão forrado com o cobertor da Guidó (de noite volta para o leito), um guarda-fato (ou mala), uma biblioteca (ou mala mais pequena), uma jarra ao canto, uma pedra para segurar a porta e matar as centopeias e uma corda para estender a roupa. Na parede, o Crucifixo e Nossa Senhora.

Na sala de jantar, há uma mesa (ou toalha colocada no chão), uma fruteira (ou canto forrado de papéis, onde se coloca a fruta) e três cadeiras.

Também temos o claustro — páteo interior, que foi outrora estábulo.

A vida comunitária tem-nos enriquecido muito, porque cada uma contribui com os seus aspectos específicos.

As virtudes domésticas da Henriqueta obrigam-nos a comer puré de batata esmagada no chão e a temperar o leite com açúcar e farinha misturados.

O altruísmo da Guidó fá-la exclamar: Vocês anda tão sujas que apanhei uma pulga na minha cama!

A Maria Luísa, que fala de si o menos possível (virtude da modéstia), tendo deitado um balde para o fundo do poço

perguntou com um ar muito genérico: «As senhoras sabem de algum processo para tirar baldes que por acaso caíam aos poços?» Mas toda a gente percebeu a subjectividade da pergunta e consolavam-na dizendo que a Senhora Rosa não ralhava.

A Susana dedica-se ao aproveitamento de latas vazias — para o arroz, para a potassa, para o sal e para cortar os dedos. Até ela vir, era o reinado dos cartuchos (a Henriqueta esteve mesmo para usar potassa em vez de sal refinado).

A Madalena era tão espiritual que vivia sem comer e sem dormir, a tocar na pianola.

Mas, lá em Parceiros, não havia só nós. Nós até éramos o que havia menos.

Havia o Sr. Américo, chefe duma família numerosa que no Borreco pôs toda a gente a trabalhar para a procissão, que em Parceiros todos ouviam com respeito, que por amor de Nossa Senhora fazia quanto fosse preciso e que, se alguém dizia «Isso não é possível!...», exclamava: «Então fez-se o mosteiro da Batalha e não se há-de fazer isso!!» E fazia-se mesmo. Rezavam diariamente o terço em família. Era uma família cristã.

A Sr.<sup>a</sup> Maria emprestou-nos a casa e, na noite da procissão, quando nós já dormíamos, pôs-nos um dístico na pa-

rede: «Senhora de Fátima abençoai o nosso lar».

A Sr.<sup>a</sup> Maria Gaspar era a catequista. Desde que deixou de haver pároco (há 30 e tal anos), ela é o esteio da vida cristã da povoação e pediu-nos com lágrimas nos olhos que rezássemos pela gente de Parceiros e para que o Senhor lhes mande um padre — é a grande aspiração da freguesia.

A outra senhora Maria, a do Sr. Florindo, que é o pedreiro, o merceiro e o correio da terra ficava à noite com os rapazes e as raparigas a fazer flores de papel. «por causa do respeito» — eram elas que lhe pediam.

A senhora Rosa dos ovos emprestavamos a horta para lavar, e quando a Maria Luísa lhe disse: «Não se incomode, senhora Rosa», ela respondeu bruscamente: «Ora essa, então acha que eu estou muito incomodada, acha?»

E a senhora Assunção põe o antigo emblema da A. C. à semana e o novo ao Domingo.

Os pequenitos dão-nos amoras enfiadas em orégãos; fazem muitos sacrifícios e rezam para se prepararem para o Crisma; o Joaquim apanhou figos, todo o dia e não meteu nem um na boca; a Margarida pica os joelhos com pedras; o Guilherme, que quer ser padre, passa horas

sem beber água, cheio de sede; e a Maria Augusta, no outro dia: «sabe, eu estava a comer uvas e a rezar ao mesmo tempo». O «mê Afonso», esse, — tem sete anos —, só faz pecados quando está aborrecido. Passaram a rezar antes e depois das refeições, e algumas famílias com eles. A Izilda, quando o pai fala mal de N. S., «faz-lhe explicações e ele ri-se».

As crianças dos Resgais e do Borreco, andam, todos os dias, 4 km para vir à catequese e voltam à noite para o terço.

Uma destas noites, o António e o Vítor, cheios de medo por causa duma história de lobos que lhes tinham contado, foram todo o caminho a rezar.

Os rapazes e raparigas, depois dum dia inteiro a apanhar figos, ficavam até às duas da manhã a preparar tudo para receber Nossa Senhora.

E havia mais. Havia o sr. Prior que fazia 8 km de bicicleta, todos os dias, para nos vir dar a Comunhão. A nós cinco. De propósito.

E havia Nosso Senhor no Sacrário.

Vocês não sabem todas o que é uma Missão. Sabem as do Ameixial, da Fajarda, e de Sever. E nós sabemos também.

*Nós cinco.*

Parceiros da Igreja, 10 de Set. de 1956

# Pax Romana «por dentro»

A certeza de que as comunidades de primeiros cristãos eram realmente focos de vivência evangélica, é-nos dada em grande parte pela impressão que os seus membros causavam nos contemporâneos. — «Vêde como eles se amam», comentavam entre si os pagãos, pressentindo talvez que a grande força impulsionadora da Igreja nascente residia nesse Amor que ligava entre si todos os cristãos espalhados pelo mundo.

Eu, se quiser dizer hoje por que é que voltei dos encontros da Pax Romana com a certeza de que ela é realmente uma presença de Cristo entre os homens, também só encontro uma razão: — Eu vi como todos se amavam...

Tal como em todas as reuniões internacionais, que agora por toda a parte se repetem, nós encontrámo-nos em Stavayer e em Viena para constatar dificuldades comuns, discutir problemas e elaborar planos de futuro. — Era como em toda a parte, mas era tudo diferente, porque a unir-nos havia a mesma força que sustentou os apóstolos.

Ninguém estava lá para procurar os meios mais fáceis ou as soluções humanamente mais eficazes. Todos queríamos

apenas dar e receber o que cada um tinha de melhor, para, em conjunto, formarmos uma cadeia forte, capaz de mostrar ao mundo a eterna vitalidade e força do pensamento católico.

E não era só nas reuniões e trabalhos que se notava este desejo de compreensão e serviço mútuo. Ele sentia-se, sempre, em tudo e em todos. — Mesmo as coisas vulgarmente mais insignificantes, como o emprestar um casaco ou o ajudar a trazer uma mala, tinham ali um sentido especial, porque também elas eram sacramentos do grande amor em Cristo que nos ligava.

Foi nesse amor que eu descobri aquilo a que há muito tempo ouvia chamar «espírito de Pax Romana». Não sei dizer o que essa descoberta representou para mim, mas sei que ela me comprometeu para a vida toda. — É o que me escrevia outro dia, o delegado da África do Sul: «We must spend our lives spreading the spirit of prays, apostolate and international love we found in the Pax Romana meetings.»

(de uma participante na Assembleia Interfederal e Seminário de Formação)

# Viagem a Itália



E finalmente chegou o dia 31...

E foi cantando o «É só até mais ver, irmãs»... que caminhámos radiantes e despreocupadas, para o Desconhecido.

Logo em Fátima começou o nosso primeiro contacto com estrangeiros: primeiro, foram Irlandeses que tinham ido em Peregrinação ao Santuário Português; a seguir, escuteiros Franceses; e, depois ainda, Alemães. Embora de nacionalidades diferentes, sentíamos algo a unir-nos. E, quando à tardinha, depois de, no nosso compartimento, se ter em comum rezado o terço, um dos alemães nos pediu um Pai-Nosso pela unificação da Alemanha, tomámos, uma vez mais, plena consciência da necessidade e do valor que a Oração de cada uma de nós representa. E ele era um simples trabalhador rural!... Sobre isto, eu queria dizer-vos que nós Universitários, perdemo-nos, muitas vezes, no plano das ideias — a nossa parte sensível vai-se intelectualizando. É, portanto, necessário que tomemos contacto com a Dor, com a Sede de tantos irmãos nossos que anseiam por poder livremente entrar numa Capela, ter as possibilidades que nós rejeitamos. É preciso que se apliquem as ideias, que se não fique no abstracto, que procuremos viver todos os momentos da nossa vida com o coração.

E atravessámos Portugal, a Espanha, avistámos a Basílica de Lourdes a iluminar a noite, rodámos pela Costa Azul.

Chegámos a Génova. Pareceu-me ser outra a noção de tempo e espaço.

E depois de Génova foi Roma, cidade

imensa, toda ela feita de recordações históricas: ali, o Cárcere Mamertino onde estiveram ligados os apóstolos Pedro e Paulo; acolá, o Anfiteatro Flávio, onde correu o sangue de tantos mártires; mais além, as Catacumbas com as suas pinturas ao serviço da religião cristã.

Dos jardins, avistam-se as várias cúpulas das Basílicas e Igrejas e, a dominar todas elas — S. Pedro —.

A soleira de muitas casas, um resto de capitel ou arquitrave. A receber a água de algumas fontes, sarcófagos.

Estivemos no Colégio Português, por onde passaram, quando estudantes, muitos dos nossos bispos de hoje. E logo ali encontramos o Reverendo Padre Reitor e mais dois Sacerdotes, um dos quais nosso colega da Faculdade de Letras de Lisboa, que se ofereceram para nos acompanhar. E foi assim que o Sr. Padre Armando nos guiou até Castelgandolfo.

Cerca de três horas antes, já a praça estava cheia. Quando foi dado o sinal de entrada para o pátio interior, todos os cordões de polícia foram desfeitos. A multidão precipitara-se.

Muito antes do Santo Padre aparecer, começou a ouvir-se cantar.

A hora chegou. A janela abriu-se e surgiu a figura de Sua Santidade. Foi um verdadeiro delírio. Gritava-se em todas as línguas e de todas as formas. As vozes das crianças confundiam-se com as dos rapazes, raparigas, homens, mulheres.

A primeira impressão que tive, foi



que já de há muito O conhecia, que me era familiar, que era o Pai que está connosco, todos os dias.

Foi a custo que se fez silêncio. Então, o Santo Padre falou para todo o mundo, para os presentes e para os ausentes.

Depois, também para nós Universitárias Portuguesas, falou em particular, e na nossa língua. Recordou as nossas tradições de Católicos Portugueses, a que é preciso permanecer fiéis, vivendo-as no presente para que sejam imitadas no futuro.

Depois de todas as emoções por que passámos, durante a estadia em Roma, fomos a Assis. Aqui, o ambiente espiritual é totalmente diferente. As construções sóbrias e severas do séc. XIII não se distinguem das do séc. XX, porque a arquitectura continuou a mesma. Respeita-se o passado. Os jardins e janelas aparecem ornamentados com flores, e, por cima dos telhados, as colinas verdejantes.

Tudo é simples e puro. Esquecemos o mundo, para auscultarmos a consciência. Aspira-se a frescura, a paz duma cela conventual. S. Francisco para na atmosfera da cidade. S. Francisco foi o Poeta-Santo; sentia a poesia das coisas; e elevava-a como oferenda ao Senhor.

Nos nossos dias, como no séc. XIII, há necessidade de Poetas-Santos, de Apóstolos, de Missões.

Em plena cidade de Assis, no coração de Itália, ergue-se a «Pro Civitate Christiana» — um Instituto Leigo presidido por Giovanni Rossi, personalidade bem conhecida no mundo.

A sua principal missão é fazer apostolado entre os intelectuais e chegar, duma maneira especial, aos artistas. Aos membros do Instituto é exigido um diploma universitário; e depois, dois anos de Filosofia.

Reune óptimas instalações: bibliotecas, discotecas, salas de leitura, onde se podem consultar obras preciosas, salas de conferências, quartos, casa de jantar, ca-

pela que me impressionou mais que qualquer basílica de Roma ou Florença, em virtude da sua sobriedade. No altar-mor, apenas o sacrário, o crucifixo e as velas colocadas em anjos de bronze que fazem de candelabros. E depois, só mais dois altares, um deles dedicado ao Espírito Santo.

Reproduções artísticas, quadros sem conto, atestam a preocupação de servir a cultura. Pelos jardins, estátuas e baixos-relevos, muitos e belos, uns de artistas convertidos, outros expressamente encomendados. Tudo tem, no entanto, um único objectivo — tornar conhecido, em todas as Suas idades, o Cristo, centro de toda a actividade cristã.

Promove cursos de estudo. Nesses dias, os membros inscritos vivem em comunidade na «Pro Civitate».

Mas não se dedica, apenas, ao apostolado duma *élite*; cria missões em várias cidades. Parte um núcleo formado por 2 rapazes, duas raparigas e um sacerdote, para uma determinada cidade. Aí pregam, conferenciam, mostram a figura de Cristo por meio de projecções de vários quadros célebres, com o fim de despertar a massa adormecida ou inerte.

Os obreiros vão levedar a massa...

Roma, Florença, Assis, marcam uma ascensão que culmina em Pogne. Esquecemos o tumulto, quebrámos as amarras materiais, desprendemo-nos da própria Arte, para subirmos mais alto. Com o olhar purificado, podemos mergulhar na Beleza do Criador.

São inesquecíveis aqueles dias passados com as raparigas da F.U.C.I. (Federação Universitária Católica Italiana). Embora não houvesse programa de estudo, aproveitámos imenso com este intercâmbio.

A nossa frente, estende-se a verdura calma dos prados, rodeados pelos Alpes que apontam para o Céu; no cume central, a neve muito branca, contrastando com o negro da fraga. Em toda a parte,

repercuta o marulhar do caudal sinuoso das águas, vindas dos glaciares. Respira-se, ali, ar puro.

Durante o dia, passeávamos em pequenos grupos; após o jantar, reuníamos-nos todas e rezávamos as Vésperas. Em seguida, havia uns minutos de meditação, cujo tema era dado, cada dia, por um dos sacerdotes presentes. E, depois, cantávamos em comum. O assistente geral da F.U.C.I. aproveitava todas as ocasiões para frisar o que nós tínhamos a aproveitar deste mútuo contacto. Apesar de sermos raparigas de nações diferentes, falando línguas diferentes, estávamos próximas umas das outras e, mesmo sem falarmos, entendíamos-nos.

E agora, eu gostaria de perguntar: e no nosso País? Numa mesma Faculdade, as coisas passam-se assim? Mesmo sem falar, entendemo-nos, vemos, no nosso colega, a pessoa de Cristo? Mais ainda, sentimo-nos Irmãos do colega que não professa o mesmo Ideal?

Quão distante vai o tempo dos primitivos cristãos, que concordavam tácitamente e se reconheciam ao encontrar-se.

E, no entanto, agora mais do que nunca, é preciso viver o espírito das Catacumbas.

Envolvida já por uma pontinha de saudosa melancolia, evoco, uma a uma, todas as recordações que gravei, bem fundo, no coração.

Há tanta rapariga que ambiciona viajar!...

E, nessa ambição, há sonho, há aventura, desejo de conhecer a vida e o prazer. É humano, mas é pouco!...

Que dizer da imensa alegria de conviver com outras raparigas nossas Irmãs em Cristo, que, como nós se preocupam com problemas de cultura, que vivem também as dificuldades da vida de estudantes universitários, que lutam no Apostolado, que vivem em famílias, e têm um património cristão a defender, mais uma

herança a transmitir — a Vida Cristã Integral.

Ir ao estrangeiro como simples turista é maravilhoso, mas tem um alcance muito limitado. A missão é mais vasta e mais profunda. Cada nacionalidade tem uma alma misteriosa a descobrir, se a quisermos amar. Primeira lição: Dádiva de Amor. O Amor dá-se e recebe-se; tem o dom da reciprocidade. Amor que nos une à terra italiana dos Alpes e dos prados, à Roma do passado e do presente, das Catacumbas e do Vaticano, a Assis medieval, a Florença repleta de galerias de arte. Segunda lição: Universalismo. Alargámos horizontes, porque saímos da concha do nosso eu; fizemos nossa a dor e a alegria doutras almas; vibrámos perante as mesmas belezas: comemos o mesmo pão, sentadas na mesma mesa; dormimos sob o mesmo tecto; em comum, rezámos e comungámos portuguesas e italianas a Carne do Senhor, que se fez Homem por nosso amor.

E, depois, creio poder afirmar que fomos testemunhas vivas, que marcámos uma presença.

Lembrar-me-ei dos quadros de Fra Angélico e dos Primitivos, dos Renascentistas, das danças regionais portuguesas que executámos em Roma para serem filmadas. E, em Pogne, deixámos amigas.

Como rapariga, como jucista, como aluna das Belas-Artes, recebi uma mensagem particular.

Trouxe, no coração, o calor de novas amizades, a experiência do contacto com outras personalidades e outras terras. Alargou-se a minha visão do mundo. Senti quão forte é o laço que nos une a Portugal, que nós procurámos projectar na Itália.

Maria Luísa Nunes





# No Limiar da Vida

Recordo ainda claramente aquela tarde de Setembro em que subi à Universidade para o acto simples, várias vezes repetido, da matrícula. Dessa vez, porém — à margem de toda a burocracia habitual, havia o sabor estranho duma experiência nova: animava-me a esperança enorme de quem dá o último passo; pesava-me a certeza imensa de novas exigências; sentia o desejo forte de não deixar perder uma só gota de bem naquele ano único... Outubro viria em breve. Com ele, a abertura das aulas, o princípio do fim... do curso!

Hoje, recordando esse pormenor dum passado que não vai longe, recapitulo-me em ti, universitária, que te propões vencer a última etapa na tua vida de estudante e olhas ansiosa e deslumbrada o esvoaçar caprichoso das fitas largas da tua pasta de **finalista**. Eu creio que aceitas esta designação como alguma coisa mais do que um mero pormenor das tradições académicas, porque deves sentir, até ao fundo, o peso das responsabilidades que ela implica. E porque creio, também, que procuras audaciosamente dar-te à obra grande que te foi confiada — os últimos meses de estudo, os últimos exames, uma tese de dissertação ou as provas de uma licenciatura — venho convidar-te a encarar, de perto, os problemas que, em breve, serão os «teus problemas» e a reflectir serenamente sobre eles.

Reflexão... Serenidade... — não quero ser o «Velho do Restelo», capaz de quebrar, com as suas amargas antecipações, o encanto da aventura. Quero, antes ajudar-te a transpor, dentro da realidade ine-

vitável, este limiar duma vida nova que te espera. E aí, quero levar-te a Única Aventura que vale a pena... Quero saber sugerir-te propósitos firmes e conduzir-te a cumpri-los com Fé e com Esperança.

\* \* \*

Frequentemente, se fala de eficiência ou competência na vida profissional. Têm-se em vista, normalmente, os resultados práticos da acção dos indivíduos. Acontece, porém, que eficiência, aptidão, só têm razão de ser quando fundamentados numa realidade que ultrapassa os aspectos exteriores da actividade humana. Assim o entende o cristão autêntico.

Na posse de uma vocação própria, integrada e cumprida dentro dum plano superior que lhe é reservado desde a Eternidade, ele compreende que tem de aceitar a sua própria profissão como parte integrante desse plano, que visa a sua completa realização. Assim, a profissão aparece como um meio de aperfeiçoamento pessoal; então esforça-se por ser mais apto, mais eficiente, é lutar por ser «mais perfeito».

Daqui, resulta, para a finalista, o imperioso dever de preparar convenientemente a sua entrada na vida profissional. Essa preparação deve revestir vários aspectos:

— Procurar conhecer tudo quanto lhe será exigido no exercício da sua futura profissão, consoante o curso escolhido;

— Procurar fazer um estudo, tão consciente e profundo quanto possível, nesta última fase do curso. Assim, procurar assimilar e estruturar devidamente os co-

nhcimentos teóricos que for adquirindo como também os já adquiridos e interessar-se pelas aulas práticas e de aplicação; adquirir conhecimentos «actualizados» sobre as matérias do curso, ainda que nas aulas não lhos proporcionem; aprofundar, de acordo com as possibilidades, as tarefas que tem entre mãos: tese, relatórios, temas de licenciatura, etc.;

— Procurar enriquecer a experiência pessoal, contactando com os já formados: recorrendo, com frequência, aos mestres, pedindo-lhes conselhos, orientações para os trabalhos actuais; tomando conhecimento com licenciados que possam dar testemunho «seguro» acerca da vida da profissão;

— Procurar «crescer», espiritualmente, naquelas virtudes e disposições que são essenciais, na entrada para a vida profissional: o sentido de aperfeiçoamento, o espírito de compreensão, a integridade moral, etc.

\* \* \*

A profissão não é um fim em si. Aquele, que a escolhe, deve seguir o imperativo da sua vocação pessoal. É legítimo que, nessa escolha, entre em conta a realização das virtualidades humanas que cada um tem em potência; mas essa realização só será plena, se o indivíduo se entregar à sua profissão, em *espírito de serviço*: serviço dos seus semelhantes, serviço de toda a comunidade social.

Por isso, a finalista, não deverá descurar a sua preparação para a inserção, como profissional, na vida em sociedade. Antes, há-de:

— Procurar obter uma visão esclarecida das necessidades da comunidade onde irá integrar-se;

— Procurar dar, desde já, ao estudo e tarefas que tem entre mãos, uma projecção de «serviço dos outros»;

— Procurar avaliar as tremendas res-

pensabilidades e encargos da profissão, que lhe hão-de surgir, na vida de sociedade.

— Procurar desenvolver as qualidades de espírito indispensáveis para o bom cumprimento dos deveres sociais; disponibilidade, generosidade, espírito de equipa, etc. — através de todos os pormenores da sua vida diária actual.

\* \* \*

Para o cristão, a profissão é um meio de aperfeiçoamento pessoal e um campo onde deve levar o seu testemunho. Não lhe basta ser um bom profissional, do ponto de vista técnico-científico: terá, sempre, na profissão, como em toda a sua vida, a preocupação constante da vinda do Reino de Deus. Por isso, a profissão é, para o cristão, um meio de apostolado.

E para o profissional, que é apóstolo, que se reconhece como «enviado», como portador duma mensagem, como responsável pela redenção do seu mundo de trabalho, não pode haver aspiração maior do que a de se consagrar inteiramente ao serviço da Igreja, em «espírito de missão», sempre pronto a partir para onde quer que ela reclame a sua presença. Mas, para tanto, não basta que o cristão afirme ou pense aderir a uma Verdade: Torna-se necessário que a viva — esclarecendo a inteligência, fortalecendo a vontade, modelando toda a acção pelo grande mandamento do Amor. E isto consegui-lo-á, somente, se dedicar um cuidado especial à obra da sua própria formação espiritual.

Portanto, a finalista cristã, católica, comprometida numa missão apostólica, porque comprometida a corresponder em *todas* as fases da sua vida à palavra divina — «Ide, ensinai...» — tem o dever de:

— Procurar conhecer as exigências apostólicas da sua futura profissão e ir,



Fundação Cuidado Futuro

hoje mesmo, ao encontro daqueles que marcam o seu próprio meio (este é o melhor treino para o futuro...);

— Procurar conhecer os movimentos católicos nacionais ou internacionais, a que, um dia, deverá estar ligada e compenetrar-se dos seus deveres de inserção e participação activa neles;

— Procurar estabelecer as bases de toda a actividade, num esforço constante de penetrar, cada vez mais, a Verdade, pelo estudo, pela oração, pelos meios que a Igreja proporciona a «todas as almas de boa-vontade».

\* \* \*

E agora, finalista, a sós com a consciência e estes rápidos apontamentos e sugestões, reflecte..., serenamente. A pesar do trabalho que oprime e esmaga, por vezes. A pesar do peso inútil de certas praxes, que marcam um fim dum curso e fazem esquecer o que é sério, iniludivelmente sério...

Reflecte. Decide. Cumpre. Então, vale a pena estar no limiar da vida..., porque vale a pena a própria vida.

**Maria Joana Mota Emiliano**

## PARQUE INFANTIL

*Joga a bola, menino!  
Dá pontapés certos  
Na empaturrada imagem  
Deste mundo.  
Traça no firmamento  
Órbitas arbitrarias  
Onde os astros fingidos  
Percam a magestade.  
Brinca, na eterna idade  
Que eu já tive  
E perdi,  
Quando, por imprudência,  
Saltei o risco branco da inocência  
E cresci.*

MIGUEL TORGA, in «Diário» — Vol. VII

## informa...



... A grande notícia de momento é a da eleição da Maria de Lourdes Pintasilgo para o cargo de Presidente do «Comité Directeur» da Pax Romana — MIEC. Pela primeira vez na história do Movimento, uma rapariga é chamada à presidência da Pax Romana — circunstância cujo significado e alcance, por tão evidentes, desnecessário se torna acentuar. Eleita por aclamação, durante a Assembleia Interfederal que se realizou recentemente em Viena com a participação de delegados de grande parte das Federações (entre os quais se contavam representantes da JUCF), a Maria de Lourdes substituiu, naquele cargo, Joseph Kuriacose, que desempenhou de maneira notável as mesmas funções durante os últimos dois anos.

Não pode ser posto em dúvida que a JUCF demonstrará compreender quanto significa contar entre os seus membros a Presidente da Pax Romana — acompanhando pela oração o trabalho da Maria de Lourdes e procurando corresponder, cada vez mais conscientemente, às responsabilidades que nos cabem no seio do Movimento.

... O novo «Comité Directeur» da Pax Romana — MIEC inclui representantes do Canadá, Irlanda, Ceilão, Estados Unidos, França, Alemanha e Salvador.

Quando os directores dos Subsecretariados Profissionais e Técnicos do MIEC, todos se mantêm este ano, à excepção de Erich Tradt, que era director do Subsecretariado da Formação e Acção Sociais, onde desenvolveu trabalho de muito mérito. Por ter pedido a demissão, foi ocupar o seu lugar o alemão Dr. Kluber.

... Filiaram-se na Pax Romana — MIEC, por oca-

sião da Assembleia Interfederal de Viena, as Federações universitárias católicas da Guatemala, Costa do Ouro, Sudão, Taipsh e Índias Ocidentais.

... Além da delegação que enviou o Seminário de Formação e à Assembleia Interfederal, que tiveram lugar, em Julho passado, respectivamente na Suíça e na Áustria, a JUCF esteve também presente, por alguns dos seus membros, durante as recentes férias, no Encontro Internacional de Estudantes patrocinado pela Pax Romana e realizado em Gemen (Westfália), numa das «Case Alpine» da FUCI e no Campo de Férias da UCS (Inglaterra).

O Subsecretariado Missionário da Pax Romana — MIEC vai realizar em França, durante a Páscoa de 1957, mais um congresso de Acção Missionária Universitária. Oportunamente teremos mais informações a este respeito.

... De 7 a 10 de Julho passado, a JUC do Brasil levou a efeito um Encontro Nacional, em Niterói, durante o qual se fez uma tentativa de caracterização da vida universitária brasileira desde as origens e se procurou precisar algumas causas que sobre ela hoje actuam. Foi feito ainda um estudo teórico dos valores que devem levar o universitário a uma verdadeira vida cristã.

... A KHO, Federação universitária católica da Áustria, realizou, de 19 a 26 de Agosto, em Kremsmunster, mais uma semana de estudos, desta vez subordinada ao tema: «Vida cristã — ideal e realização».



# GUERRA E PAZ

Quando nos detemos a pensar nas linhas dominantes da vida internacional do nosso século, uma ideia se destaca bem nítida: — há quantos anos não conhece o mundo uma paz estável! Na verdade, preparado, de longa data, o ambiente pelas lutas, discórdias, convenções, tratados, que fizeram da Europa autêntico tabuleiro de jogo de xadrez durante o século XIX — o século em que vivemos tem sido testemunha dos conflitos mais sangrentos (agora não foi só de âmbito europeu, mas mundial), que o mundo conheceu em todos os tempos. Talvez não se exagere ao dizer que a última grande guerra foi a maior desde a criação do mundo. Sem dúvida que a História nunca registou nenhuma outra que se lhe compare, quer na extensão do conflito, quer na gravidade das suas consequências.

Não vale a pena falar, aqui, das atrocidades sem número que, de parte a parte, se cometeram no decurso dos seis longos anos de guerra. Não haverá ninguém, entre nós, que não tenha uma ideia suficientemente clara sobre o que terão sido os efeitos dos constantes bombardeamentos aéreos e do emprego das armas cada vez mais evoluídas, ou do que seria a vida de inferno dos prisioneiros nos campos de concentração.

Um dia — 8 de Maio de 1945 — foi anunciado o termo oficial das hostilidades entre os países beligerantes. E pa-

rece ter sido, afinal, por culpa dos próprios vencedores (em virtude da política errada, quase sempre seguida em relação à Rússia), que esse fim da guerra foi muito mais aparente do que real. Salazar assinalou tal facto deste modo: «A última guerra terminou com braçadas de louros sobre os feitos das potências ocidentais, e o período subsequente tem decorrido entre lamentações sobre os seus desenganos».

Assim tem sido, na verdade. A expansão do comunismo russo, mais do que qualquer outro factor, tem provocado, necessariamente, uma atitude de permanente desconfiança e vigilância da parte das nações do Ocidente. Estas têm-se identificado, na expressão verbal da sua política exterior, com a defesa dos valores da civilização cristã. Porém, o que defendem e opõem ao comunismo não chega a ser o autêntico Cristianismo; dele conservam unicamente a defesa da liberdade da pessoa humana, e é essencialmente a defesa dessa liberdade que se opõe à estrutura marxista.

E assim têm sido vividos os anos post-guerra, não em ambiente de verdadeira paz, mas num clima de guerra latente. De maneira bem expressiva, tem-se chamado «guerra fria» a esse estado de permanente tensão internacional, com aparências de paz, em que se debate o nosso tempo. Tensão que aumentou assustadoramente, nos últimos meses, com a grave

crise do canal do Suez, que tem ameaçado evoluir no sentido de um novo conflito internacional de proporções gigantescas.

Devemos notar que os problemas relacionados com o armamento ou o desarmamento não mais deixaram de preocupar, depois do termo da última guerra, os países responsáveis pela orientação da política mundial — preocupação esta que contribui para manter esse estado de guerra latente que qualquer circunstância fortuita pode, de um momento para outro, fazer agravar sem remédio tal como sucedeu, afinal, precisamente, com a questão desencadeada à volta do projecto da barragem de Assuão.

É evidente que uma política de armamento progressivo para garantir a segurança dos povos não constitui, de modo nenhum, caminho para a solução humanamente justa do problema da paz internacional. Aí não pode estar, tão pouco, a solução cristã. E assim, repetidas vezes o Santo Padre tem denunciado o erro e o perigo de uma tal política, propiciadora de guerra e não geradora da paz. Na mensagem natalícia de 1943, fazia notar que «uma verdadeira paz não é o resultado matemático de uma proporção de forças». Apesar disso, de parte a parte continua a viver-se em ambiente febril de criação de armas, cada vez mais evoluídas e vão-se multiplicando as experiências atómicas.

A perspectiva da utilização de tais armas, numa guerra em que os dois blocos (ocidental e oriental) delas podem dispor com a mesma segurança e eficiência bélica, seria simplesmente aterradora. (Quem não se lembra das catástrofes de Hiroshima e Nagasaki? E quem poderia avaliar os efeitos de tais engenhos, sobretudo depois de lhes terem sido adaptados, os princípios básicos dos projéteis teleguiados?).

Claro que a Rússia, seguindo a sua habitual política de dissimulação, tem

exortado o Ocidente ao desarmamento, prometendo ela própria colaborar.<sup>(1)</sup> Ora o desarmamento progressivo deve ir-se fazendo, de facto, mas desde que seja índice de um também progressivo afastamento das razões de desconfiança mútua, e, portanto, do perigo de nova agressão. Quer dizer: só partindo de uma base de garantias seguras de parte a parte, poderá empreender-se a política do desarmamento.

Com este objectivo, o Presidente Eisenhower propôs no ano passado, precisamente para garantir a segurança no desarmamento, a mútua inspecção dos armamentos — nomeadamente, das armas atómicas — proposta clara e eficiente que não agrada aos desígnios soviéticos, como é natural. O Santo Padre, na sua mensagem natalícia de 1955, aprova aquela sugestão e faz ainda outras considerações oportuníssimas acerca das experiências e do emprego das armas atómicas. Resumindo, defende expressamente a adopção de três medidas: renúncia às experiências com armas atómicas; renúncia ao emprego de tais armas; inspecção geral dos armamentos. E acrescenta mesmo que «um convénio internacional sobre o conjunto dessas três medidas constitui dever de consciência para os povos e seus governantes».<sup>(2)</sup>

Se tivéssemos feito uma análise detalhada dos factores que determinaram a difícil situação do mundo no momento actual, encontraríamos, na sua base, razões que se resumem a um complicado jogo de interesses de ordem económica, política, rática ou ideológica — com pre-


Setembro de 1956

(1) O n.º 2-3 da revista «Brotéria», de 1956, insere um artigo intitulado «Em torno do pacifismo do Kremlin», no qual se desmascara, com toda a clareza, a verdadeira posição soviética a este respeito.

(2) É de aconselhar a leitura de toda esta mensagem, que tem interesse excepcional e actualíssimo.







domínio de um ou de outro destes factores (quando não uma estreita interdependência de todos eles), conforme as circunstâncias e os lugares que se considerem. Para sintetizar ainda mais, podemos agrupar essas razões segundo os dois aspectos dominantes por que se manifestam no panorama mundial: 1.º — a oposição irreductível entre o comunismo e a civilização ocidental, que constitui o traço mais saliente a destacar na História do nosso tempo; 2.º — o grande surto de movimentos para a criação e hegemonia de grandes potências, e, em contrapartida, como singular contraste, as tendências de emancipação de minorias e de povos submetidos. Creio poderemos chamar a tudo isto as causas *próximas* da situação que se está vivendo no plano internacional.

O clima de superficialidade, característico do nosso tempo, faz com que, em geral, as pessoas se não preocupem em perscrutar, mais longe e mais fundo, a causa essencial dos males contemporâneos — e, mais ainda, se recusem a aceitar o quinhão de responsabilidade que neles possam ter. Impõe-se, contudo, que se conheçamos essa causa essencial — a que pode chamar-se *remota*, simplesmente para facilitar a exposição, mas que está, afinal, bem próxima de cada um de nós, ou, melhor dizendo, existe mesmo em nós próprios. Estou a referir-me à ausência de Cristianismo na vida individual e na vida das sociedades — que, a manifestar-se em múltiplos aspectos, constitui, afinal, a falha mais grave do nosso tempo.

É desta ausência de Cristianismo que decorre tudo o mais. Se não, vejamos: não estará o mundo de hoje em diametral oposição com o preceito de Cristo, que resume tudo quanto de profundamente revolucionário, de inteiramente novo nos trouxe a Sua doutrina: «Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam e rogai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam, para que sejais filhos de

vosso Pai que está nos Céus e faz brilhar o sol sobre os bons e sobre os maus.»? Como é possível conciliar a vivência deste preceito de Caridade — que é, afinal, a própria essência do Cristianismo — com esse permanente estado de guerra que domina a vida internacional contemporânea e que só o ódio, antítese da Caridade, pode fomentar?

Estas interrogações, que se nos põem, exprimem, com toda a verdade e justeza, o afastamento do mundo dos nossos dias, do ideal cristão. Importa, contudo, que não nos limitemos a encarar tão sumariamente o problema da guerra. Deverá ela ser condenada em *todos* os casos, ou poderá haver circunstâncias atenuantes, embora excepcionais, que, à luz da doutrina da Igreja, até certo ponto a tornem legítima?

Entramos assim no problema chamado da «guerra justa», como é geralmente conhecido na história do pensamento, onde tem sido muito debatido. Na verdade o assunto tem ocupado numerosos autores, no decurso dos séculos; e, assim, também os dois grandes mentores da Filosofia medieval — Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino — trataram largamente este tema, que, aliás, interessou sempre a Igreja (nomeadamente, durante o período em que a Cristandade viveu as Cruzadas do Oriente e do Ocidente). Deve mesmo notar-se que não se alhearam deste interesse também os principais representantes da Filosofia política em Portugal durante a Idade Média.

Mas o tema é actual em todas as épocas. E hoje, com então, importa definir-se a guerra — em si mesma uma catástrofe que se arrasta sempre graves consequências — apesar de tudo pode considerar-se legítima em certos casos, e quais as condições dessa legitimidade.

Condenável em si mesma — sobretudo pelos meios de destruição de que se serve — a guerra pode ser ou não justificável, até certo ponto, conforme as causas que

a determinam ou os fins a que visa. Assim teremos, como primeira consequência, que em caso nenhum a guerra pode constituir um fim de si mesma: desencadear a guerra *pela guerra* não pode ser nunca atitude legítima. O mesmo há a dizer relativamente à guerra que visa a usurpação de um direito alheio (como, em geral, tem acontecido com os conflitos do nosso tempo) — atitude sem dúvida muito diferente da daqueles que são forçados a servir-se da guerra para defender um direito próprio: a integridade da sua Pátria, por exemplo (Recordemos as palavras de Leão XIII: «...a lei natural nos manda amar com predilecção extremosa e *defender* a terra em que nascemos e nos criamos, de modo que todo o bom cidadão esteja pronto a arrostar a própria morte pela sua Pátria...»).

Para falar com maior amplitude, podemos dizer que a guerra em defesa do Direito (próprio ou alheio) é legítima, (embora nunca desejável) porque tem em vista um fim justo em si mesmo. Dizia um autor medieval — o cruzado Osberno, que participou na tomada de Lisboa: «Fazei a guerra por zelo da justiça, e não por impulso violento da ira.»

Entenda-se, contudo, o seguinte: afirmar que é legítima a guerra *em defesa* do Direito, não pretende significar que apenas possa justificar-se a guerra *defensiva*; na verdade, guerra em defesa do Direito e «guerra defensiva» podem não ser expressões sinónimas. Quer dizer: para defender um direito—quer envolva a posse de um bem já existente, quer pretenda criar ou alcançar um bem ainda não possuído mas ao qual se tem direito—pode haver que tomar a iniciativa de desencadear a guerra (logo, atitude de defesa, mas não propriamente guerra defensiva—pelo menos no sentido em que vulgarmente se considera o termo). Resumindo, a expressão «em defesa» do Direito não tem, necessariamente, de envolver uma atitude passiva em relação ao desencadear

da guerra, para que só essa atitude seja legítima; pode, nalguns casos, ser justificável numa atitude activa. (Só esta interpretação pode aduar-se, por exemplo, ao caso da chamada «guerra santa» — nomeadamente, às Cruzadas, cujos realizadores eram estimulados pela Santa Sé com altos benefícios de ordem espiritual e até temporal).

O que, porém, é imprecindível em qualquer caso, é que só se recorra à guerra depois de esgotados *todos* os recursos humanamente possíveis para evitá-la. Trata-se de uma atitude a tomar exclusivamente em último caso, se tiverem falhado, antes, todos os meios para a solução pacífica do conflito. Tal como diz um filósofo do Direito: «A guerra só pode ser pista para ambas as partes beligerantes quando se tratar da decisão de uma questão importantíssima, digna de ser decidida pelas armas... e quando não hou outro meio de a decidir senão a guerra.» E isto, até mesmo porque não pode nunca existir a garantia de que a vitória venha a caber sempre a quem tem razão (admitindo mesmo que uma das partes a possui, o que nem sempre sucede). Quantas vezes o triunfo final é ditado, não pela justiça, mas unicamente pela força material! A desproporção de forças e o abuso do mais forte são, alás, em grande parte dos casos, o principal móbil da guerra; sobretudo hoje em dia, não se pensa em respeitar aquilo que o Santo Padre chama «o Sagrado princípio da igualdade de direitos para todos os povos e para todos os Estados grandes e pequenos, fracos ou fortes!»

De qualquer modo—e seja qual for o resultado final do conflito—a Igreja nunca defende a aniquilação total dos vencidos; muito ao contrário, como Mãe que é para todos os homens, recomenda aos vencedores que, embora salvaguardando as necessárias garantias, se disponham a associá-los gradualmente à tarefa comum de reparação dos danos, de toda a ordem, provocados pela guerra—o que



mais facilmente poderá acabar por conduzi-los a um mútuo entendimento.

Tendo falado das condições que podem tornar legítima a guerra (ou, melhor dizendo talvez, a atitude de desencadear a guerra), quero acentuar agora, mais uma vez, a ideia de que *legítima* não significa em caso algum, *aconselhável*: significa que a guerra pode ser, nalguns casos e como último recurso, o menor de dois males (sendo o outro mal a violação grave do Direito). Não deve esquecer-se o dever, que o Santo Padre claramente aponta, de «banir do mundo todo o uso agressivo da força, toda a guerra ofensiva», e a exortação que dirige aos homens para que façam «tudo quanto é possível para proscrever e banir, de uma vez para sempre, a guerra de agressão como solução legítima das controvérsias internacionais e como instrumento das aspirações nacionais.»

Mas estaremos nós, estará a Igreja a defender, com tudo isto, uma atitude de *pacifismo*? De modo nenhum. O pacifismo, a que Pio XII já chamou «sentimental, confuso e sem discernimento», não passa de uma cilada perigosa e de um disfarce que contém em si mesmo o desprezo da salvaguarda do Direito, e existe apenas em função dos interesses daqueles que se intitulam, a si mesmos, «pacifistas». É bem diferente a atitude do cristão: não deseja a guerra («maledicti qui bella volunt», como dizem os Salmos) e tudo faz para evitá-la, mas aceita-a quando ela surge como *único* meio para fazer respeitar a justiça entre os povos.

O próprio Pontífice Pio XI já tinha denunciado nos comunistas essa atitude condenável dos que «fingem ser os mais zeloso fautores e propagandistas do movimento pela paz mundial, mas ao mesmo tempo excitam os homens para a luta de classes, que faz correr rios de sangue, e, presentindo falta de garantia interna de paz, recorrem a armamentos sem limites». Na verdade, como disse Pio XII na Sua Mensagem de Naatal de 1954, «... um esforço ou uma propaganda pacifista, proveniente de quem nega toda a Fé em Deus, é sempre muito duvidosa, e incapaz de diminuir ou eliminar o angustioso sentido de temor, se é que tal propaganda não é feita como expediente para provocar um efeito tático de sobressalto e confusão». A realidade presente mostra bem que assim é, de facto.

Penso que — desmascarada deste modo a atitude chamada «pacifista» — fica esclarecida a posição de não-pacifismo que tem de ser, em quaisquer circunstâncias, a do cristão. A paz que o cristão deseja — essa paz pela qual devemos pedir ao Senhor e trabalhar na medida do contributo que nos for pedido — não é outra senão aquela que os Anjos vieram anunciar à terra na noite do Natal do Redentor. Possa a humanidade inteira, num futuro breve, erguer também ao Céu o mesmo coro dos Anjos — cantando, pelos séculos dos séculos, até ao fim dos tempos: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

**Maria Celeste Vaz de Sousa**

# A Palavra da Igreja



Na mensagem dirigida aos Médicos Católicos, reunidos em Congresso em Haia, no passado mês de Setembro, S. S. Pio XII afirmou que a lei médica não poderá nunca sancionar actos que contrariem a Lei de Deus, porque a lei médica se subordina à moral médica, que não pode, por seu turno, contrariar a moral de Deus:

«A Lei só possui valor e força executiva quando o seu teor é reconhecido por Deus, a fonte última de toda a lei. Por sua vez, Deus não pode nunca apoiar com a sua autoridade uma lei que contradiga o próprio Deus. Isto é: que contradiga a ordem moral que Ele próprio instaurou e tornou obrigatória. Daqui deriva que a lei médica está subordinada à moral médica, que exprime a ordem moral desejada por Deus. (...) Assim, longe de estar sujeito à lei médica, quando ela esteja em contradição com a de Deus, o médico está proibido de lhe obedecer, sempre que as suas normas gerais se não cinjam à «cooperatio naturalis».

Ao estabelecer claramente os deveres do médico perante a lei, Pio XII afirmou:


«A moralidade impõe à consciência de todos — médico ou soldado, cientista ou homem de acção — o dever de regular as próprias acções de acordo com as obrigações citadas. Isto pressupõe que essas obrigações são conhecidas e, em caso contrário, o primeiro dever é tomar conhecimento delas.

Têm também de se tomar em conta os

pedidos feitos ao médico pelo doente ou pela família deste e por outras pessoas interessadas, pedidos que se referem a convenções que devem ser estipuladas ou a outras que já existem. Por vezes há também ideias religiosas, morais filosóficas ou sociais em que o médico tem de basear a sua acção, ou a que terá de se adaptar, mas que são contrárias às suas concepções cristãs. Pode, por vezes, ser-lhe solicitado, por motivos compreensivos do ponto de vista clínico, que pratique a eutanásia ou que preste assistência em actos contrários à moral médica, mas sempre em circunstâncias objectivamente sérias.

Neste caso, o médico encontra-se perante a obrigação de respeitar a moral médica, porquanto ela é verdadeiramente clara e certa. Em casos especiais, o médico não deve decidir de acordo com as suas inclinações pessoais ou, ainda menos, deixar-se guiar por pedidos ou solicitações imorais, mas deverá obedecer à sua consciência iluminada pelas regras objectivas e pelo pensamento de Deus, a quem deverá dar contas da sua acção.»

Sobre a necessidade de uma lei médica, nestas condições o Santo Padre disse: «A existência dessa lei é uma necessidade, porque a pessoa e actividade do médico têm uma influência na paz e na segurança da vida da comunidade, que a ausência dessas normas, a sua falta de precisão ou a falta de um carácter coercivo não são compatíveis com o bem comum.



Obrigações puramente morais são demasiado vagas na realidade concreta da vida e prestam-se a interpretações demasiado diversas para assegurarem, por si próprias, a ordem da sociedade. No entanto, essas obrigações morais são completadas e tornadas precisas por uma lei positiva.

A formação do médico, os seus conhecimentos práticos e teóricos, as garantias

e vigilância necessárias para bem da comunidade — tudo isso deve ser fixado, mas não basta que o seja pela ordem moral que, evidentemente, não possui nenhum poder coercivo.

A necessidade de uma lei médica torna-se indispensável, tendo em vista a importância dos deveres que foram confiados ao médico pelo indivíduo e pela comunidade.»

Fundação Cuidar o Futuro

# SANGUE DE MÁRTIRES



Continua a correr o sangue daqueles que, em defesa dos seus mais legítimos direitos, encontram a força esmagadora do ódio, da crueldade e da tirania. O povo húngaro continua a preferir a morte à opressão comunista, mostrando ao mundo livre o valor dessa opção que estão a pagar com os milhares de vidas que dia a dia vão desaparecendo.

É sangue de mártires o que neste momento corre na Hungria.

A Igreja tem acompanhado com particulares solitudes os acontecimentos. O Santo Padre, em menos de dez dias, fez publicar três encíclicas acerca dos acontecimentos ocorridos, convidando os católicos a tomarem posição e a unirem-se numa frente comum de oração e penitência pelos povos oprimidos e, em particular pelos húngaros a quem cabe, neste momento, uma parte bem pesada da dor.

«Não podemos, diz o Sumo Pontífice, mais do que protestar, deplorando estes factos dolorosos, que levantaram a maior mágoa e indignação não sòmente no

Mundo católico mas também entre os povos livres.

«Aqueles sobre quem recai a responsabilidade destes acontecimentos deploráveis terão finalmente de considerar que a Justiça e a Liberdade dos povos não podem ser nunca sufocados em sangue.

«Nós que olhamos todos os povos com espírito paternal, temos de declarar solenemente que toda a violência, toda a injustiça e efusão de sangue venham de onde vierem, são sempre ilícitas e temos também de incitar todos os povos e todas classes sociais a estabelecer uma Paz que seja baseada na justiça e na liberdade e que tenha a caridade como elemento vital».

Impressiona-nos a impotência de socorremos eficazmente o povo húngaro, atordoa-nos o crime de quantos tem responsabilidade na trama da história que na hora presente se está a escrever. Mas que talvez um pouco de culpa seja também nossa — o comodismo, o consentir soluções fáceis, o transigir com o erro e

com os processos menos lícitos, o impedir a justiça, o negar a caridade, só estão a preparar um ódio mais geral, uma injustiça mais flagrante, uma tirania mais dominadora.

E, se assim é, nós temos de refazer a nossa vida para merecermos a Paz na Justiça e na Caridade.

O Senhor Cardeal Patriarca falando em nome do Episcopado português, sobre a situação na Hungria e aludindo à Mensagem de Fátima, afirma:

«Noutra hora de angústia e sofrimento em que um (pode dizer-se) o mundo todo que estais a arder no fogo da guerra, que os mesmos homens loucamente atearam, apiedou-se deles o Coração de Deus: e como Refúgio dos pecadores e Mãe da misericórdia, dignou-se aparecer na nossa terra a anunciar a paz e, além para além, a própria conversão da Rússia, que encarna nestes novos tempos apocalípticos a cabeça do Anti-Cristo. Mas recomendou, para tanto, a nossa própria conversão; isto é, o cumprimento da Santa Lei de Deus. O fiel cumprimento da Lei de

Deus exige a penitência e a mortificação das paixões e o recurso a Deus pela oração; sem isto, não pode haver verdadeira vida cristã. De modo particular, como arma para vencer neste combate espiritual contra o poder das trevas insistiu, nas diversas Aparições, na recitação do terço.

Não podemos prever qual o destino da Hungria nesta fase da história, não sabemos se caminha para a vitória ou para a derrota, mas podemos ter Esperança de que Deus é Pai e atende amorosamente as súplicas que Lhe são dirigidas.

O Santo Padre pede que toda a cristandade se una em oração e penitência; os nossos Bispos, fazendo-se eco da voz de Pedro, renovam aquele apelo. Correspondam-nos igualmente pedindo ao Pai das luzes que «toque o coração dos responsáveis, por forma que a Justiça seja finalmente uma realidade, que a violência seja abolida e que todas as nações possam, em paz, encontrar de novo uma atmosfera de serena tranquilidade».





Fundação Cuidar o Futuro